

Documentação  
CB  
30/11/97 10  
02

Carlos Vieira 21.11.97



Lavajatos do Setor de Mansões de Taguatinga lançam resíduos de graxa, espuma e óleo sem tratamento diretamente na rede de captação de águas pluviais e ameaçam reservas ambientais

# Lavagem altamente poluente

*Área ecológica do Parque JK é degradada por graxa, óleo e detergentes despejados por lavajatos na rede de águas pluviais*

Karla Mendes  
Da equipe do Correio

**V**alas a céu aberto, fossas, ligação com a rede de águas pluviais são algumas das irregularidades cometidas pelos lavajatos. A falta de cuidado com os dejetos pode causar danos ao meio ambiente, especialmente se esse serviço de limpeza de carros estiver dentro de uma área de proteção ambiental, próximo às nascentes e matas como a Área de Relevante Interesse Ecológico Parque JK, a Arie JK, que abriga parte de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia.

No loteamento das chácaras 25 e 26, em processo de regularização e localizada dentro da Arie JK, existem quatro lavajatos. Três deles despejam o resíduo da lavagem de veículo na rede de águas pluviais, o que é proibido pela Caesb, e um fez um buraco no meio do terreno para abrigar o

resto de água, graxa, óleo e detergente. Todos funcionam a céu aberto, contrariando a norma que o funcionamento desse equipamento dentro de galpões.

O proprietário do lavajato Número Um, Moacir Geraldo Gomes, faz questão de mostrar o projeto de "tratamento" dos resíduos do seu estabelecimento. Ao todo são três caixas de areia e outras três de decantação do óleo e graxa. Depois de passar por todo o processo, que ele garante ter aperfeiçoado da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), a água sai só com resíduos de detergente. No final, entretanto, tudo é despejado na rede de águas pluviais. "Podemos fazer despejar na rede", afirmou para a equipe do Correio.

## MARACUJÁ

Segundo Moacir Geraldo, a água resultante do seu processo de purifi-

cação já irrigou até a plantação de maracujá que ele mantinha ao lado de sua empresa. "Eram 330 pés de maracujá e nunca tive problemas com eles por causa dessa água", garantiu. Ao lado do Número Um, o lavajato Jataí tem uma caixa de areia por onde passa toda a água que lavou os veículos. Depois é despejada diretamente na rede de águas pluviais.

O atual proprietário, Claudinei Barbosa Rocha, admite que sabe muito pouco sobre as normas que regulamentam esse serviço, especialmente o que fazer com o esgoto resultante da atividade. "Para falar a verdade, isso só me dá prejuízo. Estou pensando em desistir de tudo", desabafa.

Em pior situação está o empreendimento de Eraldo Batista Barbosa. Ele comprou o estabelecimento montado. Como está em área não regulamentada — no loteamento da Chácara 25 do Núcleo Rural de Taguatinga — tem apenas o direito de uso do local pelo qual pagou R\$ 1 mil. Toda a água usada vai direto para um grande buraco dentro do terreno. "Estamos procurando a manilha de esgoto e até hoje não encontramos".

No Núcleo Rural de Ceilândia, também localizado dentro da Arie, o lavajato das Palmeiras usa o sistema de fossa para se livrar dos resíduos de sua atividade. "A terra puxa o esgoto", avalia Olívio Alves Leandro, sobrinho do proprietário, Lázaro Valdemar, e responsável pelo estabelecimento.

## SUMIDOURO

De acordo com o superintendente de Operações de Esgoto, Marcelo Teixeira, apesar de proibida pela Caesb, a ligação irregular dos dejetos desses estabelecimentos com a rede de águas pluviais é bastante comum. "Esse é um problema sério em todo o Distrito Federal", denuncia.

Segundo Teixeira, os lavajatos devem lançar seus dejetos na rede de esgoto. Além disso, não podem funcionar sem cobertura. Devem estar, preferencialmente, dentro de galpões para que a água da chuva não se misture com os resíduos de graxa e óleo dos veículos. "Pode escoar e poluir o meio ambiente", explica. Antes de despejar a água usada na tubulação da Caesb, a lavagem deve passar por uma caixa separadora de óleo. "Deve ter um sistema de sumidouro

só para o resíduo, separado do esgoto", ensina Marcelo Teixeira.

A fossa também não deve ser utilizada para o escoamento da água dos lavajatos. "Corre o risco de transbordar com o volume muito grande de água. E o óleo e a graxa são absorvidos pela terra", afirma. A Caesb tem um prospecto dirigido a donos de estabelecimentos do setor com todas as orientações relativas a normas de funcionamento.

A agressão ao meio ambiente também não deve ficar barata. O diretor geral do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema), Antonio Ramaiana, determinou uma fiscalização na Arie JK. "Se for constatado que existem lavajatos nessa região, vamos embargá-los", adiantou.

Para a ambientalista e fundadora da ONG Asa Verde, Delmira Borges Martins, o caso é sério. "Os lavajatos estão degradando o meio ambiente. Eles poluem com querosene, óleo e graxa o que resta de nossos córregos", acusa.

## SERVIÇO

Os interessados em adquirir o prospecto da Caesb com as normas de funcionamento dos lavajatos podem ligar para 325-7184 ou 325-7251.